

484

190

483

OS HERDEIROS

(I parte)

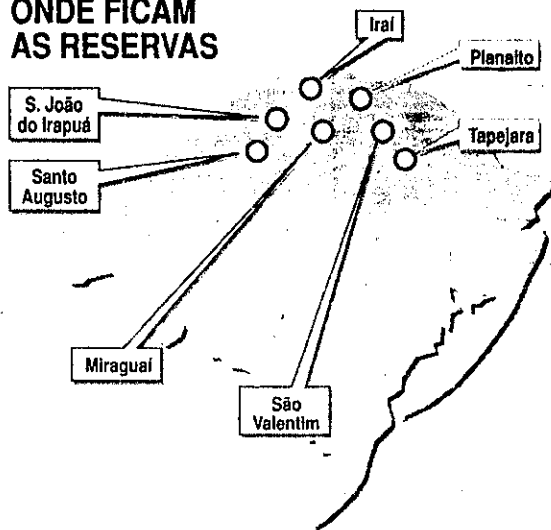
A tradição caingangue virou história



Os pequenos índios já não se interessam pelas lendas, canções e mitos repetidos pelos mais velhos. Sem terras, sem matos, eles fazem parte do mundo dos brancos

Zairi / Ato ZH

ONDE FICAM AS RESERVAS



Poucos ainda preservam mitos e lendas

Conta a lenda que, há tempos, um dilúvio cobriu a terra inteira. Somente o cume da serra Krinjinjimbé (Serra do Mar) sobressaía das águas. Os caingangues, kumé e kaiurucré nadaram na direção dela. Os kaiurucré e os kamé cansaram e acabaram morrendo. Suas almas foram para o interior da montanha. Os demais caingangues e uns poucos curutons chegaram ao cume da serra e ali permaneceram. Sem alimento, já estavam à morte quando ouviram o canto de saracuras que trouxeram cestinhas de terra e as colocaram nas águas, fazendo o dilúvio baixar.

Em pouco tempo, formou-se uma planície espaçosa no monte. Os caingangues que se refugiaram nas árvores foram transformados em monitos ou macacos e os curutons em carolins, macacos urradores. Os caingangues se estabeleceram nas proximidades da Serra do Mar e as almas dos kaiurucré e kamés abriram caminho então. Na abertura de onde saíram os kaiurucré nasceu um arroio. Lá não havia pedras, por isso eles ficaram com pés pequenos. Já o caminho dos kamés levava sobre terreno pedregoso, que fazia inchar os pés, daí eles terem pés compridos.

A versão contada por uns poucos índios há muito se confundiu no tempo e na realidade dos caingangues que habitam as reservas do Rio Grande do Sul. A relação com a terra e a natureza ainda é grande entre os índios — é da terra dos antepassados que eles tiram o alimento para sustentar sua família ainda hoje. Mas se a terra já não tem mato e é limitada pelos brancos, fica cada vez mais difícil sustentar as versões de lendas e mitos. A história se mantém apenas na lembrança dos mais velhos e nos registros de antropólogos.



A espera: Milma, Silma, Cornélio, Miriam e Zilpa vivem em Porto Alegre com saudades do tempo em que ajudavam o avô a plantar em Nonoai

LEMBRANÇAS — A memória do major José Claudino, 76 anos, pai do cacique Samuel, responsável pelas áreas de Guarita e São João do Irapuá, é traída pela nova realidade da reserva. O próprio título — major — é uma herança dos colonizadores brancos e indica que José ocupa um posto de destaque na reserva, logo abaixo do cacique. Claudino diz que nem conta mais as histórias dos antigos. "Pra que contar? Este tempo não volta mais", argumenta.

CLARINHA GLOCK
Editoria Local ZH

Há uma herança em busca de herdeiros. Sentado perto do fogo de chão, o velho caingangue já não tem para quem contar as histórias de seu povo. Na sua infância, a relação com a natureza guiava a noção de Deus, amor e pátria, contada e recontada na forma de lendas e mitos. Hoje não tem mais mata. A terra que alimentava a criança ainda no ventre da índia foi limitada pelos brancos e virou reserva. Sem bicho para caçar, resta a seus netos plantar. Sem mata, as crianças caingangues não usam arco e flecha. Usam arma de fogo, mesmo que seja de plástico. Em algumas casas, já existe uma espinha de peixe no telhado que traz

realidades mais coloridas via satélite, lembrando que a estrela Xuxa também chegou na reserva indígena. Assim como os cantores das ondas de rádio. Por tudo isso, os netos do velho índio não têm paciência para ouvir lendas e mitos de matas que não existem mais. O velho índio não lembra se sabe contar. Esta mudança de valores reflete uma herança confusa. É preciso recuperar logo a memória dos caingangues, ou seus netos não terão história para contar, dizem os grupos de defesa dos povos indígenas. E história e terra andam lado a lado. Hoje, quando se fala em tradição e cultura indígenas, os índios argumentam que estão aprendendo a ler e a escrever na língua de seus pais. Nas escolas, os professores ensinam também matemática para que os pequenos aprendam a não ser enganados

na cidade, na hora de vender o artesanato. A chegada da Igreja levou aos índios Bíblias e rituais em caingangue. Criou a idéia do pecado. As crianças aprendem que Jesus é o salvador, seja na igreja católica, luterana ou evangélica. Os deuses da natureza viraram coisa do passado ou de poucos índios. Nos postos de saúde, a desnutrição preocupa a ponto de a Fundação Nacional de Apoio ao Índio (Funai) começar a agilizar um convênio com a Legião Brasileira de Assistência (LBA) em busca de um programa de alimentação. Remédios feitos de ervas ficaram a cargo dos avós que ainda acreditam nas leis do mato. Da mesma forma, grande parte das crianças sequer lembra como é seu nome em caingangue. Usam só o nome em português. Mas ainda que tragam na bagagem uma história que não entendem de lutas pela ter-

ra, o instinto fala mais alto quando estão longe da terra, seu ponto referencial. Instalados numa casinha em Porto Alegre, Milma, Silma, Cornélio, Miriam e Zilpa esperam ansiosos pela hora de voltar para a reserva de Nonoai de onde seus pais foram afastados à força. Eles denunciaram o roubo de madeira e o arrendamento de terras patrocinados pelos brancos. Todos os dias é a mesma história, conta Teresinha Pedroso, mãe de Milma, Miriam e Cornélio: "Quando é que nós vamos para casa?", eles perguntam. "Lá não tem tevê, nem carrinho, nem boneca", reconhece Milma, 11 anos, a trança do cabelo negro ressaltando os olhos escuros e tristes. Mas tem a terra onde nasceram, cresceram e que agora ajudam o avô a plantar. E esta herança, sem dúvida, já tem dono.

Os que lembram da história têm que se isolar das influências do evangelho, dos brancos da cidade e da magia da televisão e do rádio. Os que se integram, passam para seus filhos uma nova visão de mundo, algumas vezes sem raízes fortes o suficiente para garantir a permanência na terra. É assim na cabeça de Elton, 12 anos. A mãe, enfermeira, só quer saber de trabalho, não de tradição. É com o avô que ele aprende a fazer remédio do mato — o mesmo remédio de ervas com que os pajés faziam a cura divina. A vida sem raízes de Elton cortou seus laços com a terra. Como a maioria dos garotos de sua idade que não vive em reservas, Elton gosta de rock, filmes de aventura e até de revistas pornográficas, que consegue na cidade, com amigos brancos. "Eu quero ser alguém na vida, quero ser advogado", repete.

Na reserva, a infância passa rápido

O dia já amanheceu, faz tempo no Toldo Ligeiro e a voz de uma menina ecoa pela reserva. A canção melódica vem de uma casa simples, de madeira, emoldurada por uma paisagem menos pobre que a de outras aldeias. Ligeiro, a terra da pequena e esperta Luceli, fica a 20 quilômetros de Tapejara, no Planalto Médio. Foi nesta terra que o presidente Fernando Collor de Mello esteve em março, assinando um decreto para garantir a demarcação de cinco áreas indígenas no Estado. Quem vive ali garante que o decreto não modificou nem a paisagem, nem a vida daquelas pessoas. Nem a vida daquelas pessoas. A expectativa de mudança, naquela manhã, se concentra na voz de Luceli.

A canção que ela entoou é um hino. "Foi o pastor que ensinou", diz, envergonhada. O pastor ensinou também que Luceli, dez anos, não pode jogar bola, vôlei, cortar o cabelo ou usar calça comprida. E que os crentes que frequentam a igreja Assembleia de Deus também não vão ao clube existente na reserva. Por isso, quando Luceli quer brincar, ela brinca de casinha, com panelinha e copinho. E disso ela entende como ninguém, porque desde cedo as meninas aprendem a cozinhar para ajudar a mãe em casa.

RESPONSABILIDADE — As portas entreabertas das casas deixam espiar os armários de fórmica azul e o fogão, brincadeira séria dos mais velhos. Menos a porta da casa de Luceli, que está fechada, servindo de encosto para ela, mais o irmão, Tiago, que vai fazer um ano, e a mana Roseli, de três, sentados comportadamente no degrau. A índia caingangue tem uma imensa responsabilidade: cuidar dos irmãos, já que a mãe teve que sair e Luceli não tem pai. Na falta de bonecas, ela parece não se importar com o encargo.

Parece que brincadeira, religião e responsabilidade se confundem nessa rotina. Enquanto Luceli fala, um menino menor senta no degrau de baixo para brincar com um barbante, fazendo "cama de gato". Banho? Só de vez em quando, confessa, entre risos dos amigos e irmãos. Foi ao médico quando teve catapora, e apesar do sorriso denunciar a presença de dentes precisando de ajuda — na escola há escovas de dente —, garante que já foi ao dentista.

De tempos em tempos, o irmão, Tiago, interrompe a conversa, lembrando que quer atenção. Enquanto alisa a cabeça do menino para tentar acalmá-lo, Luceli assume o papel de adolescente responsável que a estatura pequena e a idade não lhe conferem ainda. Quando fizer 11 anos, a menina não vai ter festa e presentes. "Só gente grande é que tem", revela, desconsolada, com o apoio das amigas que escutam curiosas ao desenrolar das perguntas e respostas. Mas isso não parece incomodar Luceli. Ela sabe que a terra em que pisa é sua, já tratou de afirmar isso com todas as letras que conhece. O pastor lhe garante a salvação. E na sua brincadeira quase adulta, ela ainda é criança o suficiente para cantar um hino como se fosse apenas mais uma canção infantil.

OS HERDEIROS

(I parte)

A pequena
Juliana perdeu
suas ilusões



□Hoje, a indiazinha de Irapuã não quer ouvir falar em casamento, nem em filhos. Adulta aos 11 anos, ela não quer sofrer os mesmos problemas enfrentados por sua mãe

A pequena índia caingangue baixa os olhos e esfrega as mãozinhas enquanto conta sua história. A terra em que pisa é sagrada, intui, com a experiência dos seus 11 anos. Mas hoje a música alta a convida a falar de outras santidades. É dia dos pais na reserva de São João de Irapuã, em Miraguai, e as crianças como Juliana estão ansiosas para sentar e ouvir os hinos dentro da Igreja Assembléia de Deus. Na frente da Igreja, é possível ver as outras meninas se aproximarem pouco a pouco, trazidas pelas mães e pelas avós. Os rapazes bem vestidos ficam na frente, olhando o movimento que Juliana e sua turma provocam.

Os meninos de pés descalços não se importam com o barro vermelho, principalmente num domingo ensolarado como aquele. Juliana é uma das poucas que está de tênis. Veste uma saia curta. Calças, só quando vai jogar vôleibol. Usa um cinto verde limão que ganhou de uma amiga e que enrola e torce de uma lado para o outro quando lembra que seu pai não vai estar na festa. A mãe até insiste, mas ele não quer vir, conta timidamente. O pai bebe. "E aí, ele destrata a gente", confirma, num sorriso culpado. Por isso ela não quer casar, para não ter que cuidar de um preguiçoso.

"Era para eu estar quase casando, mas eu sou baixinha porque gostava de carregar eles", explica, apontando para os irmãos de sete e cinco anos. O nariz escorrendo não impede que o menorzinho abra um sorriso, salientando os traços indígenas que tiram qualquer dúvida da ascendência. "A mãe não vai deixar eu casar", completa. Em ter nenê, ela também não quer nem pensar. O irmão mais velho morreu com dois anos. Talvez por isso, para Juliana, ter nenê é muito ruim.

A menina baixinha que não pode casar já sabe que para ficar moça tem que ficar menstruada. A avó faz chá para a mãe não engravidar e também quando ela tem que usar os "paninhos" — quando está menstruada —, deixa escapar Juliana. Para ela, as explicações sobre estes detalhes observados com uma curiosidade infantil na sua casa são tão espontâneas como as demais, ainda que sejam feitas sempre de olhos baixos e com uma pitada enorme de vergonha. "É muito feio", diz, em certo

momento, e arremata: "Tentio medo. Sou muito medrosa".

MEDO — As crianças indígenas não temem o bicho-papão dos brancos, mas o bicho do mato — como a cobra — que Juliana e seus amigos dizem já ter visto pela reserva. Em dia de festa, porém, os medos e temores estão longe na imaginação. O menino de terno que espia o grupo falante de Juliana faz lembrar que é também dia de paquera. O namorado de Juliana viajou para Nonoai, foi seguir a trilha da mãe, que é enfermeira, conta a menina, sem grande pesar. O outro menino que espia já tentou namorá-la, mas Juliana não quis. "Ele é muito namorado", justifica. Andou atrás da amiga Regina, bem mais alta, que leva o irmãozinho pequeno no colo e que, segundo Juliana, provavelmente vai poder casar mais cedo.

Ao contrário da envergonhada Regina, Juliana se gaba de já pegar na mão do antigo namorado. A mãe não sabe, segreda, pedindo cumplicidade. A superioridade da menina e a forma como comenta os namoricos lembram que isso é normal, principalmente porque os valores trazidos pelos brancos ensinam que é assim que se faz antes de casar. Estes valores começaram a entrar na vida de Juliana quando os primeiros missionários chegaram à reserva. À influência da igreja Católica, seguiu-se a das evangélicas, entre elas a Assembléia de Deus. E, sem dúvida, a televisão. "Gosto da novela das oito", revela, orgulhosa. Algumas crianças da reserva têm acesso à tevê, e Juliana lembra até o nome de sua personagem preferida em "O Dono do Mundo", a Tais, provando a familiaridade com uma realidade eletrônica bem diferente da sua.

Ao contrário das crianças brancas que também assistem à novela, Juliana não tem mais boneca. "A mãe deu para uma menina porque disse que eu não sabia cuidar", lamenta-se. Também não tem carrinho e a outra boneca que tinha foi roubada.

Agora, ela cuida dos irmãos. Na igreja, sentada ouvindo a palavra do presbítero índio, Juliana e suas amigas fazem silêncio. É hora de rezar para Jesus.



Raízes: desde cedo, as meninas aprendem que precisam ajudar a mãe a cuidar da casa e dos menores

A forte ligação com a terra resiste a tudo

O parentesco que divide os caingangues entre kamês e kairurucês fala mais alto, mesmo entre os grupos mais desagregados culturalmente. É uma das poucas tradições que ajuda a preservar a identidade da maior parte do grupo. Isso porque o caingangue leva muito mais a sério a questão do parentesco que o branco, explica Andilá Inácio, 35 anos, coordenadora do trabalho dos professores índios no Rio Grande do Sul.

A tradição diz que kamê casa com kairurucê, nunca com kamê. E quando casa, casa cedo. Ainda crianças, as meninas aprendem que têm de ajudar a mãe em casa, fazendo a comida, cuidando dos irmãos e lavando os pratos. Os meninos são mais cotados para ir para a roça com o pai, embora toda a família saiba trabalhar na terra. Essa é uma hierarquia que ultrapassa a influência branca. Assim como a idéia de que até os 14, 15 anos, as meninas ficam junto dos pais e depois se casam. Os rapazes podem casar mais tarde, com 18 anos. A não ser na reserva de Nonoai. Uma lei interna já definiu que antes de 21 anos ninguém pode casar. "É para evitar que aconteçam as separações", explica o coronel índio Vitório Isaias da Silva, 29 anos. Casamento antes disso — se a menina engravidar, por exemplo — os pais é que decidem.

A índia Clarice dos Santos Nunes, 18 anos, é quase uma exceção na reserva de Carreteiro, onde a tradição ainda é casar cedo. Os olhos negros da adolescente e o corpo desenvolvido de mulher indicam que seus valores estão prestes a mudar. E eles combinam mais com o enxoval de cetim que a índia está preparando, do que com as roupas simples dos amigos e as casas de madeira em que seus parentes ainda hoje moram. Um homem de Ibiacá aguarda Clari-

ce para vender o enxoval, trazido dos locais mais distantes no porta-mala do carro.

O noivo não faz parte da comunidade indígena. "Ele é gringo", anuncia Clarice. Um noivo branco, italiano, não é difícil de encontrar por aquelas bandas. O rapaz tem 25 anos e trabalha na roça. Mora numa fazenda perto da reserva de Carreteiro, no município de Água Santa, terra onde nasceu Clarice. Os dois se conheceram num baile na cidade. Namoraram durante dois anos e estão noivos há um ano. Vão casar quando ele conseguir acabar de construir a casa. Quando se conheceram, Clarice ainda era uma menina. Quando casarem, ela terá que optar pelo ensino da língua caingangue para os seus filhos. "Vai depender do futuro pai", adianta. "Ele nunca foi contra o falar índio". Clarice ainda lembra do conselho de seu pai — um índio velho que casou com uma branca —, de nunca deixar de falar a língua caingangue.

RAÍZES — O problema maior de "Folha de Moranga" — tradução do nome da índia na língua caingangue, dado pelos pais — vai ser resolver a ligação com a terra. "Não tem jeito de ficar aqui, porque índia que casou com branco tem que sair". No caso de seus pais, a situação era diferente. O índio era o homem. Se não fosse por esta lei da reserva, provavelmente Clarice jamais fosse deixar aquele lugar. "Os índios devem ficar na reserva, aqui eles nasceram, se criaram. Eles têm cuidado do que têm na reserva. Quanto mais eles cuidam, mais têm para os filhos", atesta a mulher consciente. No seu coração, a raiz que a liga à terra fala forte, apesar das evidências mostrarem o contrário. Nos quatro cantos do coração, pesa a lei da sobrevivência

aprendida com os mais velhos: "Quando os meus pais eram pequenos eles plantaram essas árvores. Nunca pensaram que podiam dar frutos para os filhos comerem. E assim é agora. A gente faz alguma coisa para depois os filhos da gente verem o que nós fizemos, né?"

Agora, Clarice diz estar muito ocupada para fazer qualquer coisa. Ela trabalha na casa do chefe do posto da Funai, Roberto Perin, em troca de um salário mínimo. Os filhos do chefe branco praticamente foram criados pela índia, e a ligação é visível na relação entre eles. É Clarice quem ensina catequese na escola da reserva. E apesar da convicção com os brancos da Funai e o amor inesperado com um italiano, a índia caingangue teme que as críticas da família do noivo atrapalhem o casamento.

De qualquer forma, diz, "aqui quase não dá para casar com índio, porque quase tudo é parente. Só se fosse de outro posto". A lembrança remete à lenda dos kamê e kairurucê. Muitas amigas de Clarice também casaram com branco e tiveram que sair da reserva. Por isso, o vendedor de Ibiacá tem pressa. É preciso vender enxoval para mais noivas, se não elas caingangues ou não. Ele abre o porta-mala e mostra a colcha de cetim rosa: "São Cr\$ 40 mil".

Enquanto isto, no outro extremo do Estado, em Tenente Portela, a professora Andilá Inácio, também natural de Carreteiro, tenta explicar por que seu casamento com um branco não deu certo. "São culturas diferentes", reconhece. Dos cinco filhos, apenas as duas maiores, de 15 e 12 anos, estão vivendo com Andilá, que se separou do marido. Os outros filhos não chegaram a aprender a língua caingangue por influência do pai.

Amanhã (final): as crianças aprendem a ler e escrever em caingangue